

**Mercedes Calzado**

Universidade de Buenos  
Aires – UBA  
Email: calzadom@gmail.com

Tradução: **Marina Saraiva**

Universidade Federal do Rio  
de Janeiro - UFRJ  
Email:  
marinasaraiva@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

**Produção da notícia televisiva  
na Argentina:  
Notas para um marco etnográfico**

*Production of television news in  
Argentina:  
Notes for an ethnographic approach*

CALZADO, M. Produção da notícia televisiva na Argentina:  
Notas para um marco etnográfico. Revista Eco-Pós, v.25, n.3,  
p.109-131, 2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27921

## RESUMO

Na América Latina, as pesquisas associadas à produção midiática costumam ser escassas quando se considera o papel dos atores que a compõem. Este artigo revisa as tradições etnográficas da região sobre o emissor midiático, levando em conta as diferentes perspectivas que vêm sendo postas em jogo globalmente nos últimos anos. O objetivo é identificar as tensões, limitações e potencialidades da etnografia da mídia como marco para um estudo em redações de telejornais da Cidade de Buenos Aires em canais a cabo (C5N, Crónica TV e Todo Noticias) e abertos (Televisión Pública e Canal 13). Pretende-se complexificar uma investigação preocupada em valorizar os atores no processo de geração de conteúdo noticioso a partir da perspectiva teórica e metodológica da etnografia da mídia. O intuito é enquadrar nesta perspectiva um trabalho de observação e investigação sistemática dos atores do mundo da notícia audiovisual para compreender as mudanças estruturais e subjetivas da notícia televisiva de forma integral e complexa nos contextos atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mídia; Etnografia; Rotinas; Notícias policiais; Televisão.*

## ABSTRACT

In Latin America, research associated with media production is usually scarce when considering the role of the actors that compose it. This article reviews the ethnographic traditions of the region on the media producer, taking into account the diverse perspectives at a global level in recent years.

The objective is to identify the tensions, limitations and potentialities of media ethnography as a framework for a study in television newsrooms in the City of Buenos Aires on cable signals (C5N, Crónica TV and Todo Noticias) and air (Public Television and Channel 13). The search is to advance on a research concerned with giving value to the actors in the process of generating news content from the theoretical and methodological tools of media ethnography. The purpose is to frame in this perspective a work of observation and systematic investigation of the actors of the world of audiovisual news to understand the structural and subjective changes of television news in a comprehensive and complex way in current contexts.

**KEYWORDS:** *Media; Ethnography; Routines, Police News; TV.*

## RESUMEN

En América Latina las investigaciones asociadas a la producción mediática suelen ser escasas cuando se considera el rol de los actores que la componen. Este artículo revisa las tradiciones etnográficas de la región sobre el emisor mediático, atendiendo a las diversas perspectivas que a nivel global se vienen poniendo en juego en los últimos años.

El objetivo es identificar las tensiones, limitaciones y potencialidades de la etnografía de medios como marco de un estudio en redacciones de noticieros televisivos de la Ciudad de Buenos Aires en señales de cable (C5N, Crónica TV y Todo Noticias) y de aire (Televisión Pública y Canal 13). La búsqueda es complejizar una investigación preocupada por dar valor a los actores del proceso de generación de contenido noticioso desde las herramientas teóricas y metodológicas de la etnografía de medios. El fin es enmarcar en esta perspectiva un trabajo de observación e indagación sistemático de los actores del mundo de la noticia audiovisual para comprender los cambios estructurales y subjetivos de la noticia televisiva de manera integral y compleja en los contextos actuales.

**PALABRAS CLAVE:** *Medios; Etnografía; Rutinas; Noticias policiales; Televisión.*

Submetido em 26 de Setembro de 2022

Aceito em 05 de Novembro de 2022

## Introdução

Em um conto, escreve Walter Benjamin: “Há dezessete tipos de figos, como se diz, na ilha. É preciso conhecer os seus nomes (...)”.

Todo tipo de figo é, então, singular, e não intercambiável. A singularidade proibiu chamar os dezessete tipos de figo com um só nome. A designação universal suprimiria a sua unicidade, a sua respectividade [Jeweiligkeit], o seu caráter de nome próprio [Eigennamlichkeit](...). Como se o nome fosse a cifra fugidia que zelava pelo caminho para a essência, para o ser (...). Trata-se, bem notado, não de conhecimento, mas de experiência. Experimentar é um tipo de chamado ou de evocação. O objeto de uma experiência autêntica, ou seja, do chamado, não é o universal, mas o singular.

Apenas isso possibilita encontros.

(Byung-Chul Han. *Caras da Morte*, p. 165)

O telejornal faz parte da vida cotidiana. Embora nos últimos anos as notícias digitais e as redes sociais tenham mudado suas características narrativas e estéticas, o sentido do furo da informação televisiva e a busca pelo impacto pelas imagens parece não ter se alterado. Os noticiários continuam a ser um dos lugares onde se revisam os processos políticos e se enquadram as atualidades, também onde se contam histórias da vida nas cidades.

No campo dos estudos da comunicação, inúmeras investigações analisam a informação e os meios que a produzem, embora sejam menos comuns aquelas que mergulham nas experiências e práticas dos atores que fazem parte da produção midiática, ainda mais nas notícias televisivas.

Neste artigo, reviso algumas discussões de estudos empíricos voltados à informação jornalística na televisão e reflito sobre a etnografia como inspiração para a abordagem de pesquisas em comunicação. Tomo como marco a experiência de um estudo realizado em redações de telejornais da Cidade de Buenos Aires, em canais a cabo e abertos, públicos e privados, em 2017. Os canais de notícias de gestão privada onde fiz observações e entrevistas foram C5N, Crónica TV e Todo Noticias, escolhidos por serem os três com maior audiência que transmitem a partir da Cidade de Buenos Aires e são consumidos em todo o país. Ao mesmo tempo, esses canais representam linhas editoriais diversas: Crónica TV é um dos primeiros

canais de notícias da Argentina e sua programação tem um perfil coloquial e sensacionalista. C5N é um canal de notícias com proximidade editorial ao espectro político oposto à então presidência de Mauricio Macri (2015-2019), enquanto a linha editorial do canal Todo Noticias estava mais próxima do espectro governamental. O Canal 13 é um canal aberto com programação de notícias pela manhã, ao meio-dia, à noite e durante a madrugada; juntamente com Todo Noticias, faz parte do grupo Clarín, um grupo de gestão privada com alcance em todo o país. Finalmente, Televisão Pública é um canal de gestão pública que transmite a partir da Cidade de Buenos Aires para todo o país, com noticiários ao meio-dia, à tarde e à meia-noite. Secundariamente, realizei entrevistas com trabalhadores da Telefe, Canal 9 e América (os outros canais abertos privados que completam a malha de Buenos Aires), mas nenhuma observação foi realizada devido à dificuldade de acesso. A decisão que tomei, considerando a multiplicidade de acessos obtidos, foi a de não mergulhar no trabalho particular de um canal, mas realizar entrevistas e observações no maior número possível de emissoras para entender a complexidade da prática jornalística televisiva em sentido amplo.

Esta pesquisa foi inicialmente um estudo coletivo realizado no âmbito de um projeto de pesquisa (financiado pelo Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología/Defensoría del Público [Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia/Defensoria Pública]) que investigava as práticas do telejornalismo na Cidade de Buenos Aires a partir de uma perspectiva que vinculava ferramentas da comunicação e da antropologia. Neste artigo, meu interesse é pôr em foco as tensões, limitações e potencialidades da etnografia da mídia como inspiração para o estudo das redações de telejornais na Cidade de Buenos Aires.

Busco contribuir para estudos interessados em compreender as notícias como formas particulares de conhecimento (Park, 1940; Hernández Ramírez, 1992) enquanto rituais, mediações. Ou seja, como componentes dinâmicos da vida social e cultural (Madianou, 2005). A premissa é que a mídia contribui para a textura geral da experiência (Silverstone, 2004) tanto nas percepções do público quanto nas práticas dos trabalhadores jornalísticos.

“O olhar, a escuta e a escrita devem sempre ser tematizados ou, em outras palavras, questionados enquanto etapas de constituição do conhecimento pela pesquisa empírica”, afirma Cardoso de Oliveira (2004). Neste trabalho, avanço nessa proposta a partir de uma perspectiva teórica e metodológica inspirada na etnografia da mídia para complexificar uma investigação preocupada em valorizar os atores do processo de geração de conteúdo noticioso. Essa

perspectiva enquadra a observação e a investigação daqueles que produzem notícias audiovisuais policiais para compreender as mudanças estruturais e subjetivas da informação televisiva de forma integral e complexa nos contextos atuais.

A mídia neste artigo não é considerada como um objeto abordado na perspectiva antropológica; a intenção é gerar um diálogo entre os estudos da comunicação e a antropologia. Como Spitulnik coloca: “Mais do que abordar antropologicamente facetas específicas da mídia, o grande desafio passa por integrar os estudos dos meios de comunicação à nossa análise do fato social total da vida moderna” (1993, p. 293). Assim, a partir dos estudos da comunicação, retomo as reflexões etnográficas em busca de um diálogo entre perspectivas disciplinares que forneça horizontes para pensar o lugar dos meios de comunicação e suas implicações nas mudanças culturais fora da mídia e nas experiências sociais no interior da produção midiática.

Sob esse esquema, começo por apresentar algumas discussões no campo da pesquisa em telejornalismo. Em uma segunda parte, elaboro um conjunto de notas para refletir sobre o processo integral de investigação do jornalismo policial audiovisual a partir de uma perspectiva etnográfica baseada em quatro eixos: os desafios do acesso e das fontes, a reflexividade do pesquisador, a reflexividade do investigado e as epistemologias jornalísticas. Para encerrar, reviso uma quinta chave a partir de um questionamento sobre a escrita.

## 1. As pesquisas

Desde o início dos estudos de comunicação, o papel do emissor no circuito comunicativo foi considerado a partir das perguntas sobre o que é dito (conteúdo), em que canal (meio) e com que efeitos (sentidos). Na tradição latino-americana, as abordagens culturais se encarregaram de colocar em questão a instância da emissão no início da década de 1970. Foi o caso, por exemplo, de Dorfman e Mattelart (1978), que revisaram o papel da indústria cultural televisiva a partir da linha das análises críticas.

Em anos mais recentes, a questão do emissor se aprofundou na região a partir de estudos sobre a economia política da comunicação, preocupados em rever as estruturas de propriedade e os processos de concentração da mídia (Becerra; Mastrini, 2009; Mattelart; Mattelart, 1997). Outros trabalhos se concentraram no impacto de novas tecnologias e dinâmicas políticas contextuais nas redações (Ure; Schwarz, 2014; Waisbord, 2014). Esse foco nos impactos da

propriedade, da tecnologia e da política sobre a rotina de trabalho ocorreu paralelamente à escassez de pesquisas com as experiências daqueles que geram conteúdos jornalísticos. Assim, até o momento, tiveram menos incidência os trabalhos associados às vivências cotidianas do jornalismo como as rotinas (Martini; Luchessi, 2004), as hierarquias nas redações, as relações com as fontes ou perfis profissionais (Livingston; Bennett, 2003).

Fora da América Latina, também foram poucas as pesquisas centradas exclusivamente no emissor, em comparação com aquelas ancoradas no conteúdo da notícia ou no impacto da estrutura sobre a ação no jornalismo. Apesar de sua menor relevância no mapa de pesquisas em comunicação, numerosos trabalhos foram produzidos em torno do lugar do emissor a partir da chamada primeira onda de estudos etnográficos sobre a produção da notícia (Cottle, 2000), preocupados em revisar os processos de rotinização, classificação e tipificação da informação (Tuchman, 1973 [1978]).<sup>1</sup> Especificamente nos telejornais, esses trabalhos dão conta das formas como seus conteúdos são definidos, a partir da organização que faz com que um evento se torne notícia (Gans, 1979; Schelesinger, 1978). Esses primeiros estudos tendiam a teorizar as notícias como rotinas burocráticas, padronizadas, homogêneas e ideologicamente conservadoras. Revisões como a de Cottle argumentam que são trabalhos que “superaram ideias simplistas de intenção jornalística e culpabilidade ideológica nos processos de representação de notícias”. Infelizmente, acrescenta Cottle, posicionam teoricamente “os jornalistas como meros suportes ou portadores do sistema organizacional, mais do que como agentes ativos e pensantes que intencionalmente produzem notícias por meio de suas práticas profissionais” (2009, p. 21).

Nesse sentido, as investigações tenderam a sub-representar a visão dos agentes de produção de notícias, seus perfis e condições de trabalho. Na América Latina, por exemplo, entre 1960 e 2007, apenas 2% dos artigos publicados tratavam da tarefa do jornalista na produção da notícia (Mellado, 2012). Apesar dessa predominância de pesquisas sobre propriedade de mídia na região, algumas análises recentes mostram que “o tipo de propriedade não explica questões fundamentais sobre a prática jornalística, condições de trabalho ou percepção de autonomia” (Amado; Waisbord, 2018, p. 392). Segundo esses autores, a estrutura econômica dos meios de comunicação em que um jornalista trabalha (privados, estatais ou públicos) não costuma gerar

---

<sup>1</sup> Simon Cottle (2000) propõe a divisão dos estudos empíricos em redações jornalísticas em dois momentos. Uma primeira onda de abordagens que revisam o trabalho jornalístico em termos de rotinas e semelhanças e uma segunda onda de estudos etnográficos preocupados em explorar as práticas e as culturas jornalísticas em um processo de mudança contínua nos espaços de produção de notícias.

diversidades na percepção de sua prática profissional. É nessas tensões e complexidades que reside parte da minha preocupação.

Em um cenário midiático altamente concentrado como o argentino, onde o conflito pela propriedade da mídia também faz parte da disputa política, qualquer análise sobre o problema das notícias que evitasse a questão do lugar da estrutura no fazer jornalístico teria pouco fundamento. No entanto, considero necessário incorporar a perspectiva e as experiências dos atores do sistema midiático para alcançar resultados mais complexos, que forneçam elementos para compreender os sentidos de seleção e construção das notícias policiais contemporâneas.

Nesse panorama de discussões, meu objetivo é complexificar o problema da geração de informações televisivas sobre o crime a partir das experiências de profissionais do jornalismo, sem abandonar os impactos das estruturas que os contêm. Para isso, por um lado, busco compreender a trama cultural mais ampla na qual se inserem e da qual fazem parte apresentadores, produtores, cronistas e outros trabalhadores jornalísticos da televisão. Por outro lado, é preciso reconhecer as diferentes modalidades técnicas, econômicas e políticas que modificam a lógica da produção da informação, tanto em sua relação com processos globais quanto no vínculo dialético (e assimétrico) com as audiências (Marc; Picard, 1992).

Neste ponto, recupero as pesquisas latino-americanas que, nas últimas décadas, mergulharam nos perfis e experiências dos atores envolvidos na produção midiática e sua recepção. Essas produções se tornaram frutíferas pela abertura para pensar a comunicação a partir de suas implicações culturais, gerada por autores como Martín Barbero (2010), García Canclini (2001), Schmucler (1984) e Ford (1994), entre outros. Essa perspectiva estimulou o campo à realização de pesquisas teóricas e empíricas que contribuem para estudos relacionados às experiências e práticas midiáticas em uma chave cultural (Grimson; Varela, 1998; Jacks, 2011; Martins de Jesus, 2019; Orozco, 2002a, 2002b), incluindo algumas voltadas para o gênero notícia (Leal, 1986; Martini; Luchessi, 2004; Pereyra, 1998; Travancas, 2010; 2007).

O objetivo é retomar a discussão de experiências profissionais no campo da cultura. Assim, o horizonte para avançar nessas preocupações é a perspectiva da etnografia da mídia (Dickey, 1997; Abu-Lughod, 2005; Ginsburg et al 2002; Spitulnik, 1993). O sentido é problematizar o telejornalismo em uma dimensão cultural construída a partir de uma perspectiva etnográfica. Segundo Georgina Born (2004), o método etnográfico de abordagem de meios de comunicação permite “discernir não apenas as características unificadoras, mas

também as divisões, limites e conflitos da sociedade que se está estudando, conflitos tão arraigados que podem ser suprimidos ou aludidos em comentários menores ou em brincadeiras” (2004, p. 15).

Em termos mais específicos sobre a investigação do fazer televisivo, Born recupera a riqueza do trabalho de campo para explorar as diferenças “entre o que é dito na publicidade ou na sala de reuniões e o que acontece no território ou no estúdio de televisão, no escritório ou na área de limpeza” (2004, p. 15). E especifica: “Ao investigar as lacunas entre os princípios e as práticas, declamações sobre a gestão e as vidas cotidianas do trabalho, entre o explícito e o implícito, pode-se obter uma compreensão mais completa da realidade” (2004, p. 15). Segundo a antropóloga britânica, para compreender uma organização midiática (assim como acontece em outras com essas características) é preciso descobrir tanto aquilo que está insistentemente presente quanto as ausências e rigidezes, ou seja, o que está “fora” e é complexo de se captar. Nessa perspectiva, é possível incorporar as dimensões reflexivas da chamada segunda onda de etnografias de redação (Cottle, 2000), que busca as complexidades, as práticas que atravessam e perpassam as regularidades, as generalidades da atividade jornalística.

O questionamento antropológico das disputas, negociações, interstícios enquadra as dimensões culturais, políticas e econômicas mais amplas do que aquelas das quais fazem parte as práticas jornalísticas e a experiência de mundo. Meu interesse é revisar as experiências dos telejornalistas (policiais em particular), como forma de buscar os debates produzidos ao longo da história recente do telejornalismo (e do jornalismo policial em particular), debates que são parte dos perfis profissionais, no relato das vicissitudes práticas em que estão imersos (Curado, 2002). Interpreto que as experiências profissionais estão inseridas nas mudanças das práticas jornalísticas, em sentido amplo, e nas transformações das forças políticas, sociais, econômicas e tecnológicas da Argentina. Mais que buscar a linguagem nativa dos atores, reflito sobre como o telejornalismo policial pensa suas práticas e suas produções, da mesma forma que configura sua identidade jornalística (Travancas, 1992) a partir da relação dialética com o público. A perspectiva da chamada segunda onda de estudos etnográficos das redações jornalísticas (Cottle, 2000) permite enquadrar as reflexões sobre o papel do pesquisador e as definições no campo e na interpretação dos materiais.

Rever a prática no processo de pesquisa amplia a capacidade de observação das práticas dos atores para compreender, a partir desta perspectiva, os interstícios ocultos nas estruturas.

Aníbal Ford (2002, p. 292) lembrava a necessidade de os estudos culturais e as etnografias retornarem ao esquema de duas frentes, com as visões micro e macro. Embora "não haja avanço crítico sem conhecimento concreto da realidade concreta" (idem, p. 295), o micro deve ser entendido enquanto "dispositivo fundamental na elaboração de hipóteses e conjecturas, e ainda na exploração de conflitos estruturais" sem que isso se torne um "álibi" que não seja "acompanhado de leituras do mesmo objeto a partir de outras escalas" (2002, p. 292). Para isso, acompanho as experiências dos jornalistas, esquivando-me "dos determinantes das polaridades eternas" – estrutura/sujeito, emissor/receptor – (Caletti, 1992, p. 40). Meu objetivo, em resumo, é retomar, a partir das reflexões em torno de meu processo de pesquisa, o debate sobre as experiências e os sentidos sociais no campo da cultura (Martín Barbero, 2010).

## 2. A pesquisa

Seria injusto (e errado) supor que o trabalho de campo que realizei com jornalistas policiais em 2017 foi etnográfico. Mas, ao mesmo tempo, foram incontáveis as horas dentro de redações, as entrevistas e conversas informais, as reflexões sobre os passos e decisões durante o processo de pesquisa e nessa etapa de interpretação. A etnografia, sublinha Guber, "é uma descrição do comportamento social em uma cultura particular, resultante de um trabalho de campo estendido e geralmente presencial" (2019, p.54). Nesta chave, persigo essa perspectiva, por meio de questões sobre o pensar no processo amplo de pesquisa, desde as decisões de pesquisa, o acesso ao campo, até os traços de reflexão no momento de elaborar a escrita. Através de uma perspectiva etnográfica como recurso teórico-metodológico, desejo compreender a mídia a partir de uma perspectiva situada, relacional, processual, que considere os pontos de vista e a lógica dos atores.

A partir desse ponto de vista, considero as regularidades da produção da notícia televisiva, evitando o peso das generalizações. Evitar os nomes genéricos para rever a especificidade, as experiências, a singularidade e a partir daí escrever, nomear a singularidade. Seguindo esse caminho, nas páginas seguintes recupero uma série de problemas surgidos em meu processo de pesquisa, de modo a revisar as observações, as entrevistas e analisar a informação obtida. Toda pesquisa é um processo que envolve decisões conceituais e práticas desdobradas ao longo do tempo em que a tarefa é desenvolvida (Piovani, 2018). Nesta seção

reviso algumas dessas reflexões e decisões a partir do problema do acesso às fontes, da reflexividade do pesquisador/pesquisador e das epistemologias jornalísticas.

### *I. Sobre o acesso*

A primeira reflexão está ligada ao acesso às minhas fontes de informação e às interpretações desvinculadas das decisões e possibilidades abertas a partir do vínculo com determinados espaços de trabalho e determinados informantes. As fontes desta investigação são os jornalistas porque são eles que fornecem dados e testemunhos, de onde se origina parte do sentido analisado. Se os jornalistas constroem a informação a partir dos dados fornecidos por suas fontes (jornalísticas), como pesquisadora tomo essa categoria nativa e defino como fontes aqueles que fornecem informações para minha pesquisa, ou seja, como origem da palavra, dos discursos daqueles que fazem a notícia policial.

A premissa inicial da abordagem do telejornalismo como fonte é a sinuosidade. Os espaços de televisão costumam ser fechados, a imagem do público parece ser elaborada em segredo. Born (2004) explica em relação ao seu ingresso na BBC: “As ironias de estudar uma instituição pública aparentemente dedicada à prestação de contas, mas relutante em ter suas atividades escrutinadas” (2004, p. 17). Essa abordagem serve para pensar a visibilidade e a invisibilidade dos meios de comunicação, sem que isso implique em realizar uma comparação a partir de um local de estudo tão particular como a BBC. Embora os campos de estudo sejam diferentes, essa ideia permite considerar como os noticiários contam e definem o espaço público, em que pese que entrar e abordar suas fontes não é fácil e, uma vez que acontece, tem algumas particularidades.

A extensão temporal do trabalho de campo nas redações de noticiários televisivos foi breve em comparação com uma imersão etnográfica no sentido clássico. Rapidamente entendi que seria complexo trabalhar em termos etnográficos dentro de apenas uma redação por tempo prolongado. Chegar a esta instância requeria, por um lado, alcançar uma maior confiança junto aos interlocutores e, por outro, um conhecimento mais amplo do campo. Mas, ao mesmo tempo, meu objetivo de pesquisa não era conhecer o trabalho do jornalista de televisão em uma redação específica, mas mergulhar nas diferentes características de programas e canais com

diversidades. A decisão, portanto, foi ampliar o acesso ao maior número possível de fontes que pudessem orientar o processo de produção de notícias policiais audiovisuais na atualidade.

O primeiro desafio que vou abordar é sobre o acesso. No trabalho de campo isso foi, às vezes, fácil e descentralizado. Realizei grande parte desse trabalho coletivamente com quatro pesquisadores.<sup>2</sup> Muitas das entrevistas foram realizadas em duplas, buscando gerar maior abertura ao diálogo com o interlocutor e amplificar a escuta e a observação.

Logo de início, descartei a realização do processo de inserção no campo principalmente por meio de contatos com gestores dos canais escolhidos. Devido às políticas restritivas de acesso aos canais de televisão na cidade de Buenos Aires, seria preciso seguir caminhos alternativos. Por ser da área da comunicação, na equipe de investigação tínhamos alguns contatos dentro do mundo televisivo que facilitaram a entrada. Esses contatos possibilitaram entradas e conversas com outros colegas. Nos casos de programas e canais sem contatos prévios, recorri a e-mails, ligações telefônicas e mensagens nas redes sociais. Tivemos que negociar cada entrada para cada canal de maneira pontual e direta. Assim, recorri a produtores executivos, produtores, cronistas, apresentadores ou jornalistas policiais que nos convidaram a presenciar os diferentes momentos de geração e emissão dos programas. Graças a isso, entrei em diferentes oportunidades por diferentes caminhos e tive múltiplas perspectivas. Dessa forma, observei tanto as redações e os estúdios, quanto as salas de controle durante a transmissão dos noticiários. Esse acesso, é claro, não foi fácil de conseguir em todos os canais públicos e privados onde realizamos a investigação. De fato, em alguns deles (Telefe, Canal 9 e América) tivemos que nos contentar com entrevistas em profundidade sem poder fazer observações.

Nesta primeira etapa, procurei assegurar que os lugares e os entrevistados fossem representativos dos noticiários produzidos a partir do sistema midiático da Cidade de Buenos Aires e que, ao mesmo tempo, contemplassem o quadro mais completo possível das relações trabalhistas dentro dos noticiários. Assim, realizei observações extensas (de mais de quatro horas), durante 10 dias na redação do Canal 13/TN (de programas a cabo e do noticiário do meio-dia), nos andares das emissoras, nas salas de controle durante os programas. Também acompanhei o trabalho de um repórter policial deste canal em trabalho externo. O mesmo ocorreu no canal Televisión Pública, onde assisti a transmissões ao vivo da redação e do controle,

---

<sup>2</sup> Os pesquisadores foram Vanesa Lio, Victoria Irisarri, Cristian Manchego e Yamila Gómez, como parte do projeto de pesquisa.

enquanto me juntava facilmente às tarefas dos trabalhadores jornalísticos e técnicos envolvidos no noticiário do meio-dia. Também estive envolvido em alguns momentos da produção e transmissão de programas de notícias nos canais a cabo da C5N e da Crónica TV, enquanto entrevistava jornalistas especializados em notícias policiais. No canal América e no América Noticias, entrei nas instalações para realizar uma entrevista, situação que me permitiu conhecer o espaço físico da redação, embora sem poder observar as transmissões ou o processo de produção. O caso da Telefe e do Canal 9 foi diferente: entrevistei os produtores executivos dos noticiários sem ter acesso aos andares dos telejornais para fazer observações. Portanto, o trabalho mais abrangente foi diagramado a partir da possibilidade de entrar nas redações para observar os trabalhadores jornalísticos em suas rotinas e conversar em espaços que dão conta do cotidiano e permitem uma compreensão mais complexa de suas vivências e tarefas.

Outro desafio foi a dinâmica do trabalho jornalístico: os tempos e as rotinas limitaram, em algumas ocasiões, a concretização de encontros agendados, seja para realização de entrevistas ou observações. Portanto, dia a dia, tínhamos que verificar se eles estavam disponíveis para conversar, ou para entrarmos no canal. A insistência diária foi o centro da estratégia de entrada. Isso aconteceu, por exemplo, na dinâmica de organização diária das unidades móveis nos canais de televisão. O destino dos profissionais que vão cobrir as notícias ao vivo é definido na hora, de acordo com a agenda de notícias; portanto, a coordenação da participação também foi atravessada pela imprevisibilidade e pelo imediatismo. É claro que essas definições variavam de canal para canal, dependendo da disponibilidade técnica de cada empresa e das definições editoriais de cada meio. Estas questões dependem, em muitos casos, dos recursos disponíveis, mas também de negociações entre os produtores dos telejornais ou, ainda, dos diferentes canais que compõem a mesma rede (por exemplo, entre um canal aberto e um canal a cabo que compartilham recursos técnicos e humanos).

O potencial da estratégia, então, era a extensão espacial, ou seja, o acesso múltiplo a diferentes canais e instâncias de produção dos telejornais por um tempo longo e sustentado. A limitação da abordagem foi a pouca extensão de tempo dentro de cada um desses canais e a impossibilidade, nesse sentido, de capturar com mais riqueza as lógicas de produção particulares de cada um dos canais de televisão.

## *II. A reflexividade do pesquisador*

A interação entre o senso comum do pesquisador e os modelos explicativos dos sujeitos investigados é o segundo problema sobre o qual me deterei. A revisão das reciprocidades e das distâncias entre a reflexividade como cientista social e a reflexividade dos trabalhadores telejornalísticos foi um dos pontos ao longo do processo de campo e análise. Para Amegeiras, a reflexividade implica rever o modo de “produzir o conhecimento social, distanciando-se das posições positivistas e subjetivistas e assumindo a capacidade reflexiva dos sujeitos, que permite o acesso às interpretações sobre o mundo social em que sua existência se desenrola” (p. 115).

Para gerar um conhecimento que leve em conta de onde vem e para onde vai a investigação, é preciso reconhecer de que ponto de vista interpretamos a forma como as notícias policiais televisivas são produzidas. A consciência, como pesquisadores, de nossas características pessoais como gênero, idade, filiação política e classe (Guber, 2011) deve ser tornada visível nos textos. Nesse sentido, ser uma jovem mulher de classe média de Buenos Aires, pesquisadora de uma organização científica e de uma universidade pública são algumas das características que entraram em jogo no processo de pesquisa. Assumo que esses elementos facilitaram o vínculo com quem trabalha no campo jornalístico, inclusive em benefício das negociações para entrada em algumas redações de televisão. Paralelamente, duas outras características estiveram envolvidas no trabalho de campo e estão envolvidas na interpretação dos materiais: a disciplina científica e o espaço institucional de pertencimento.

“A disciplina condiciona as possibilidades de observação e de conversão em texto, sempre de acordo com um horizonte que lhe é próprio”, afirma Cardoso de Oliveira. (2004). As condições do olhar e da escuta foram mediadas pelo tipo de disciplina de base de quem realiza a pesquisa. É a mesma coisa investigar a mídia a partir da sociologia, da ciência política, da antropologia, do direito e das ciências da comunicação? Considero que não.

Primeiro porque entra em jogo o tipo de conhecimento aprendido em cada disciplina; no caso da comunicação, certas linguagens técnicas sobre a mídia, reflexões sistemáticas sobre estruturas midiáticas, sobre semiose, sobre a ética e prática profissional, entre outras dimensões. Apesar das diferenças de experiências profissionais, tanto quem investiga quanto quem se investiga está pensando a comunicação e produzindo a partir da comunicação.

Em segundo lugar, a disciplina é relevante devido ao tipo de práticas profissionais que possivelmente o pesquisador desenvolveu em algum momento de sua carreira como jornalista

profissional. No meu caso, trabalhei por vários anos como jornalista e com jornalistas em assessorias de imprensa governamentais.

Terceiro, pelos vínculos que podem existir mediados por essa formação acadêmica e pela prática profissional anterior. Em grande parte, muitos dos primeiros relacionamentos estabelecidos para negociar a entrada nas redações ou para realizar entrevistas, como aconteceu em minha pesquisa, foram com pessoas que conheci como estudante ou durante algumas de minhas etapas profissionais.

Em quarto lugar, esses aspectos repercutem, além das facilidades que a disciplina pode trazer, também em um tipo de olhar e escuta com certas diferenças em relação aos pesquisadores que intervêm a partir da perspectiva de disciplinas mais distantes da mídia. Como pesquisadores da comunicação devemos levar esse aspecto em consideração, pois pode acontecer que as pessoas com quem interagimos no trabalho de campo sejam colegas nos espaços institucionais de pertencimento, jornalistas que podem inclusive atuar como professores em faculdades de jornalismo ou universidades.

Meu duplo espaço de pertencimento institucional também foi um dado que levei em consideração, uma vez que assumi que poderia ser um risco ou um potencial. Fazer contatos destacando minha condição de pesquisadora do Conicet não era o mesmo que fazê-lo como pesquisadora da Carreira de Ciências da Comunicação da Universidade de Buenos Aires em alguns casos. Este processo teve a intervenção de muitos dos seus representantes nas discussões sobre a Lei dos Serviços de Comunicação Audiovisual<sup>3</sup>. Esse dado gerou considerações positivas e negativas de acordo com o posicionamento do jornalista e do meio de comunicação nesta discussão pública. Em certos casos, então, foi mais fácil sublinhar o pertencimento institucional a um ou outro espaço, sem que isso implique esconder meu duplo papel de pesquisadora e professora.

Em síntese, para avançar na análise do trabalho de campo já realizado, devemos lembrar que “a presença do pesquisador constitui as situações de interação, assim como a linguagem constitui a realidade” (Guber, 2011, p. 45). No momento de interpretar e escrever os resultados

---

<sup>3</sup> A Lei 26.522, também conhecida como lei de mídia, foi promulgada em 2009 pelo governo de Cristina Fernández para substituir a Lei de Radiodifusão da ditadura militar. Apesar de a proposta ter sido debatida em fóruns, modificada e aprovada pelo Congresso Nacional, o Grupo Clarín (maior conglomerado de mídia argentino) contestou alguns de seus artigos, inclusive aqueles relacionados ao número máximo de licenças que um grupo poderia pleitear, o que paralisou parte da plena aplicação da lei, ao mesmo tempo em que gerou debates políticos e midiáticos de alta intensidade.

do nosso trabalho, devemos lembrar, considerar e retratar as nossas características, de onde intervimos no campo, a perspectiva teórica que perseguimos e de onde escrevemos. Como afirma Guber (2018), não se trata apenas de dar conta da produção subjetivada que realizei em campo como pesquisadora, mas também de considerá-la no momento de avançar nas fases seguintes da pesquisa em termos totalizantes.

### *III. A reflexividade do pesquisado*

Todos os entrevistados conheciam e compreendiam o objeto de meu estudo. Os jornalistas têm uma preocupação profissional ligada à reflexão sobre o seu trabalho que exige uma análise particular. O sentido do papel jornalístico, o que é dito e não dito, é um ato muito consciente por parte desses atores. Em raras ocasiões, eles sugeriram que as entrevistas fossem conduzidas com confidencialidade. Os conhecedores do *off* e do *on* no jornalismo, ao fazerem comentários que não queriam que fossem publicados, pediam para desligarmos o gravador, ou desligavam eles mesmos. Por isso talvez sejam excelentes entrevistados, entendem o sistema de conversação e, principalmente, gostam de falar sobre seu trabalho (talvez acostumados a ouvir os outros e não serem ouvidos). "Todo ser humano gosta de falar de si mesmo e se sente lisonjeado quando vê que suas opiniões são levadas a sério", afirma Hortense Powdermaker (1955, p. 13) ao definir seus entrevistados da indústria cinematográfica de Hollywood. Os jornalistas adoram falar sobre sua prática, ensinando sobre suas experiências, embora o senso de urgência de seus horários de trabalho às vezes torne difícil sentar-se para conversar.

Perseguir a reflexividade profissional implica ser sensível aos modos como os jornalistas se envolvem conscientemente na produção das notícias, em suas preocupações com a reprodução da informação. Segundo Cottle: "Hoje em dia, muitos jornalistas podem refletir sobre sua relação com o campo das notícias em transformação, bem como seus encontros com pesquisadores de notícias e suas descobertas" (2000, p. 23). A partir de sua prática, os jornalistas já estão vinculados a "processos institucionais e profissionais de reflexividade" (ibidem, p. 23). A reflexão prática e crítica dos jornalistas sobre seu trabalho foi mais comum do que a representação autoindulgente que se havia imaginado antes de empreender as entrevistas.

As características associadas ao pertencimento acadêmico dos pesquisadores, além disso, produzem certo tipo de interação com o sujeito investigado. De fato, quem está na mídia realiza

conversas particulares com quem vem da academia, como já indicou Guber (2011). Ora, neste caso, a percepção da assimetria no vínculo pelo sujeito pesquisado tem certas características. Isso porque, por exemplo, ele tem consciência do desconhecimento do pesquisador quanto aos aspectos técnicos relacionados à experiência jornalística televisiva. Também pode estar presente e tornar-se discurso o sentimento de vigilância externa, de um tipo de análise acadêmica que eles percebem como desvinculada de sua prática, talvez até moralizante. Os profissionais jornalísticos levam esse aspecto em consideração no momento de iniciar os diálogos, e o risco que surge é de que eles expliquem seu mundo profissional de forma acadêmica por meio de generalizações. Esse encontro etnográfico assume então particularidades ligadas ao tipo de escuta que precisa ser identificada. A relação dialógica pode ser favorecida nesses casos em que o jornalista mostra seu saber particular sob um olhar externo daquele que investiga, embora às vezes aconteça que nessas situações surjam argumentos generalizadores e teorizadores dos e das jornalistas na busca por mostrar seus conhecimentos, que ofuscam as definições focadas na prática. Ao mesmo tempo, nesses encontros muitos jornalistas refletem sobre as mudanças atuais em suas práticas e campos a partir de conversas com pesquisadores e inclusive lendo os resultados de nossos trabalhos. Ainda neste ponto há muito trabalho a ser feito nesta pesquisa, inclusive quando toda a produção escrita estiver finalizada.

#### *IV. As culturas jornalísticas*

As chamadas primeiras ondas de etnografias das redações jornalísticas tiveram foco nas rotinas de trabalho e no peso das burocracias institucionais na construção das notícias (Altheide, 1976; Gans, 1979). Muitos desses são aspectos das rotinas, ainda mais em tempos em que a informatização da tarefa é maior, assim como o uso de novas tecnologias como as redes sociais. As rotinas predeterminam tarefas complexas de trabalho e, como lembra Tuchman em relação ao jornalismo, ajudam a tornar o imprevisível previsível e a rotinizar o inesperado (1973; 1978). Essa perspectiva é interessante para complexificar variáveis profissionais em relação às estruturas jornalísticas. Seu risco é que os jornalistas se envolvam nas pesquisas como meros suportes do sistema organizacional. Para evitar essa dificuldade, Cottle (2000) propõe mudar a conceituação de rotina para a de prática jornalística, elemento entendido como produtivo, além de imposto externamente.

Se considerarmos a dimensão da prática, não como rotinas generalizáveis, devemos lembrar que a cultura do jornalista de televisão não é única. Do ponto de vista etnográfico, ao entrar em um espaço jornalístico, revisamos as particularidades de um espaço jornalístico específico, não do espaço jornalístico de maneira geral. Nesse ponto surge o problema de compreender a cultura jornalística de um determinado espaço onde se desenvolvem rotinas. Tanto durante o trabalho de campo quanto no momento da análise, lembramos que, em cada redação em que a prática é estudada, ela varia; nem todas as redações (incluindo as de televisão) são iguais, e todos os jornais e todas as tarefas não são iguais entre si. O telejornalismo não é um coletivo com um único ponto de vista. As práticas noticiosas de um canal público têm mediações diferentes daquelas de um canal privado; as práticas de um canal de notícias a cabo também diferem das práticas de canais abertos; as práticas dos jornalistas políticos são diferentes daquelas dos jornalistas esportivos, que também são diferentes das práticas dos policiais. Os estudos tradicionais sobre o jornalismo apelam às regularidades dentro das redações. Sem descartar a existência de dimensões similares, a visão etnográfica exige um aprofundamento na revisão das particularidades.

Como afirma Cottle: “Dada a natureza diferenciada da(s) 'tribo(s)' de jornalistas que vagam nômades pela ecologia das notícias de hoje, já não parece mais plausível assumir uma visão generalizada do 'jornalismo' como uma cultura indiferenciada ou um cânone profissional compartilhado” (2000, p. 24). Portanto, para estudar o jornalismo policial na televisão, é preciso rever as particularidades de cada campo e as definições tomadas pelos pesquisadores para adentrar esses espaços, pois nossos pontos de vista serão diferentes, assim como diferem os dos investigados. Assim, uma das decisões tomadas para o meu estudo foi realizar observações e entrevistas em diferentes canais, e não mergulhar em um determinado canal e noticiário. Decidi, ainda, realizar entrevistas com chefes de comunicação responsáveis por órgãos de segurança pública para entender seu papel no circuito de notícias policiais.

Paralelamente, esta dimensão permite-me revisitar a reflexividade do jornalista, o modo como suas práticas entram em jogo e definem a “comunidade interpretativa do jornalismo” (Zelizer, 1993). Considerar a reflexividade do pesquisado exige reconhecer a capacidade do sujeito conhecido de tornar sua prática significativa ao refletir sobre ela (Vacilachis de Gialdino, 2003); ou seja, como ele dá conta de sua ação.

É preciso rever a reflexividade em relação às práticas particulares de cada profissional de acordo com o gênero jornalístico com o qual trabalha, sua idade, seu gênero (Carter, Branston & Allan, 1998). Estas diferenças internas emergem na capacidade do analista de captar as nuances que acompanham as regularidades mais exploradas dentro do campo jornalístico.

#### *V. As epistemologias*

O gênero policial apresenta algumas semelhanças em relação a outros gêneros jornalísticos, mas predominam suas peculiaridades. Busco a presença desses aspectos não apenas nos resultados, e sim levando-os em consideração no processo de pesquisa em geral, desde o campo até a escrita. Principalmente quando se trata de produzir a notícia, o senso da urgência é maior, os atores da notícia variam, mas persistem (a polícia, a justiça, os perpetradores, as vítimas), assim como o drama de sua narrativa onde os problemas giram entre vida e morte, punição e crime.

Decidi então explorar o detalhe da epistemologia presente por trás do jornalismo policial, que não é a mesma encontrada em outros gêneros jornalísticos. É necessário, inclusive, rever esses problemas no contexto contemporâneo. A sustentação das declarações de verdade de uma notícia televisiva sobre o crime geralmente se concentra em operações jornalísticas muito particulares, como o trabalho de imagem e o testemunho individual. As câmeras de segurança, as imagens geradas por celulares ou aquelas de vítimas e agressores retiradas das redes sociais. Esse tipo de prática de produção de notícias policiais se baseia em um tipo de notícia próprio do chamado telejornalismo apócrifo (Goulart, 2018); ou seja, por um tipo de prática jornalística baseada em conteúdos audiovisuais produzidos por imagens não captadas pelos canais de notícias. Ao mesmo tempo, dentro de cada linha editorial das redações, essas definições variam. Um programa de notícias que foca suas definições de verdade em uma narrativa objetiva é o mesmo que outro programa que o faz em busca de drama e impacto?

Para a análise do jornalismo policial, esse é um ponto fundamental, pois o gênero costuma ser analisado recorrendo-se a categorias morais associadas a um jornalismo "sério". Essa situação produz uma tendência à indignação, às definições morais, à busca por questionar esses gêneros a partir do racionalismo, à corroboração estatística (por exemplo, se a quantidade de notícias sobre crimes tem uma correlação real com a quantidade de crimes). O jornalismo

policial, por outro lado, apela às experiências dos públicos nas cidades. A epistemologia do jornalismo policial entra em uma chave “subjetivista” (Cottle, 2007), um jornalismo de emoções. E essa construção está presente no tipo de prática jornalística associada a esse tipo de notícia: o detalhe da câmera, o uso da linguagem policial dos repórteres na narração dos fatos, a escolha de determinada música, as entrevistas que buscam a reconstituição do ocorrido a partir do lugar subjetivo da vítima. O resultado é um tipo de história focada no emocional, nas experiências das vítimas. E esse tipo de epistemologia não é exclusivo da mídia sensacionalista. “Não é que se deva necessariamente supor que essa epistemologia 'subjetivista' e suas formas variantes se limitem apenas a apelos populistas e a excessos de jornais sensacionalistas”, diz ele (Cottle, 2000, p. 25). Ele acrescenta: “A atenção cuidadosa ao *mainstream*, incluindo à produção de notícias sérias de prestígio, revela como os elementos dessa epistemologia subjetivista das notícias também podem ser inscritos profissionalmente nas notícias sérias” (Cottle 2000, p. 26). O jornalismo policial tem particularidades que atravessam as estruturas midiáticas, não se trata apenas de programas ou mídias que buscam trabalhar a partir do excesso. É aí que também é preciso ficar de olho.

### 3. Para encerrar: sobre a escrita

O circuito do trabalho como pesquisadores se fecha no processo mais individual, no qual as decisões iniciais mais uma vez determinam as características que a materialidade final da pesquisa, o texto, vai assumir para se tornar coletiva na leitura. Por isso, para encerrar este artigo, gostaria de me deter em algumas reflexões sobre a escrita e a etnografia, outra espinha dorsal para encontrar a singularidade. Um trabalho que busca guiar-se pelos problemas da etnografia deve considerar a escrita como um tema de reflexão sistemática. Ainda mais para alguém que vem do campo da comunicação e, desde a graduação, está atravessada pela natureza reflexiva da escrita. Nomear, questionar pelo nome próprio dá as chaves para experimentar o que vemos, estudamos. Essa nomeação na escrita é o que produz não necessariamente conhecimento, como diz Han (2020), mas a experiência, e o objeto de uma experiência autêntica é o singular. A escrita é uma forma de falar de si mesmo através do vínculo com os outros. Como transformar a experiência do campo em escrita e como fazer desse texto parte da experiência da pesquisa, da experiência das pessoas e situações que acompanhei na singularidade deste

trabalho. Trata-se do *being there* ao qual Geertz (1992) se refere, o estar aqui da escrita, da experiência e das decisões ao trabalhar com o material obtido no território, nas redações, nas reportagens, nos bares (*being there*). Um texto elaborado a partir da comunicação como disciplina tem o mesmo tom, o mesmo uso das entrevistas e as mesmas observações de um elaborado a partir da sociologia das redações? O desafio é se perguntar sobre o processo, a reflexão sobre a objetividade, sobre o reflexo das rotinas jornalísticas nos textos que produzimos.

A linguagem é um andaime para a reflexividade, explica Guber: “As descrições e afirmações sobre a realidade não apenas informam sobre ela, mas a constituem. Isso significa que o código não é informativo ou externo à situação, mas sim eminentemente prático e constitutivo (...). Descrever uma situação é, portanto, construí-la e defini-la” (2011, p. 43). A descrição dos espaços, as interpretações das palavras dos profissionais da notícia televisiva habitam as decisões sobre os textos que escrevemos para mostrar os resultados das explorações.

Mas não apenas como escritores somos parte do contexto em que habitamos e produzimos através da forma como o nomeamos; leitores também são complexos. Além disso, os jornalistas possivelmente lerão o que escrevo sobre suas práticas. A escrita nesse aspecto entra no próprio momento do processo de escrever em diálogo com aqueles sujeitos imaginários que podem me ler. E quem efetivamente lê meu texto pode criticar minhas conclusões sobre suas práticas ou, por que não, considerar o estudo como um estímulo para suas próprias reflexões profissionais. Afinal, como conclui Guber (2011, p. 136): “Talvez seja esta, enfim, a razão prática para seguir fazendo etnografia: submeter nossas reflexões epistemocêntricas ao diálogo com as urgências, as histórias e as vidas”. Porque, como afirma Han, questionar e nomear o singular “é a única coisa que possibilita os encontros”.

### Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, L. *Dramas of Nationhood. The politics of television in Egypt*. Chicago: University Press, 2005.

ALTHEIDE, D. *Creating reality*. Beverly Hills, CA: Sage, 1976.

- AMADO, A.; WAISBORD, S. Journalists and Media Ownership: Practices and Professional Conditions of Argentine Journalism. *Brazilian Journalism Research*, v. 14, n. 2, p. 364-383, 2018.
- BECERRA, M.; MASTRINI, G. *Los dueños de la palabra*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- BORN, G. *Uncertain vision. Birt, Dyke and the reinvention of the BBC*. Londres: Vintage, 2004.
- CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. Barcelona: Paidós, 2001.
- CALETTI, S. La recepción ya no alcanza. *Comunicación, Breviario de la Carrera de Ciencias de la Comunicación*, n. 3, p. 23-27, 1992.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. El trabajo del antropólogo: mirar, escuchar, escribir. *Revista de Antropología Avá*, n. 5, p. 55-68, 2004.
- COTTLE, Simon. Ethnography and News Production: New(s) Developments in the Field. *Sociology Compass* 1, p. 1-16. 2007.
- COTTLE, S. New(s) Times: Towards A 'Second Wave' of News Ethnography. *Communications: The European Journal of Communication Research*, n. 25, p. 19-41, 2000.
- CURADO, O. *A Notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- DICKEY, S. La antropología y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicación, *Revista Internacional de Ciências Sociais*, UNESCO, n. 153, p. 1-23, 1997.
- DORFMAN, A.; MATTELART, A. *Para leer al pato Donald*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978.
- FORD, A. *Navegaciones. Comunicación, cultura, crisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.
- FORD, A. *La Marca de la bestia*. Buenos Aires: Norma, 2002.
- GANS, H. *Deciding what's new. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Nueva York: Pantheon, 1979.
- GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 1992.
- GINSBURG, F.; ABU-LUGHOD, L.; LARKIN, B. *Media Worlds*. Los Angeles-University of California Press, p. 1-36, 2002.
- GOULART, A. *Telejornalismo apócrifo*. Florianópolis: Insular, 2018.
- GUBER, R. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Editorial Norma, 2011.
- GUBER, R. "Volando rasantes" ... etnográficamente hablando. Cuando la reflexividad de los sujetos sociales irrumpe en la reflexividad metodológica y narrativa del investigador. In PIOVANI, J.; MUÑIZ TERRA, L. *¿Condenados a la reflexividad? apuntes para repensar el proceso de investigación social*. Buenos Aires: Clacso/Biblos, p. 52-72, 2018.

- GRIMSON, A.; VARELA, M. *Audiencias, cultura y poder. Estudios sobre televisión*. Buenos Aires: Eudeba, 1999.
- HAN, B. *Caras de la muerte. Un viaje al jardín*. Buenos Aires: Herder, 2020.
- HERNÁNDEZ RAMÍREZ, M.E. “¿Qué son las noticias?”, *Comunicación y Sociedad*, 14-15, 236, 245, 1992.
- JACKS, N. (comp). *Análisis de recepción en América Latina*. Quito: Ciespal, 2011.
- LEAL, O. *A leitura social da novela das oito*. Petropolis: Vozes, 1986.
- LIVINGSTON, S.; BENNETT, W. Gatekeeping, Indexing, and Live-Event News: Is Technology Altering the Construction of News? *Political Communication*, v. 20, n. 4, p. 363–380, 2003.
- MADIANOU, M. *Mediating the nation: News, audiences and the politics of identity*. London: UCL/ Routledge, 2005.
- MARC, E.; PICARD, D. *La interacción social: cultura, instituciones y comunicación*. Barcelona: Paidós, 1992.
- MARTÍN BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones*. México DF: Antrophos, 2010.
- MARTINI, S.; LUCHESSI, L. *Los que hacen la noticia: periodismo, información y poder*. Editorial Biblos, 2004.
- MARTINS DE JESUS, R. Mapeando caminhos da pesquisa e apresentando percursos: um breve olhar acerca dos estudos de audiência de telejornais no Brasil. *Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação*, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1263-1.pdf>, 2019.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *Historia de las Teorías de la Comunicación*. Paidós Ibérica, 1997.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Recepción y mediaciones - casos de investigación en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Norma, 2002a.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Historias de la televisión en América Latina*. Barcelona: Gedisa, 2002b.
- PARK, R. “News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge”. *American Journal of Sociology*, v. 45, n. 5, p. 669–686, 1940.
- PIOVANI, J. Reflexividad en el proceso de investigación social: entre el diseño y la práctica. En PIOVANI, J; MUÑIZ TERRA, L. *¿Condenados a la reflexividad? apuntes para repensar el proceso de investigación social*. Buenos Aires: Clacso/Biblos, p. 74-92, 2018.
- POWDERMAKER, H. *Hollywood. El mundo del cine visto por una antropóloga*. Fondo de Cultura Económica. México, p. 9-22, 1955 [1950].
- SCHELESINGER, P. *Putting Reality together. BBC News*. London: Constable, 1978.
- SCHMUCLER, H. “Un proyecto de comunicación/cultura”. *Comunicación y Cultura*, n. 12, 1984.

SILVERSTONE, R. *¿Por qué estudiar los medios?* Buenos Aires: Amorrortu, 2004.

TRAVANCAS, I. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

TRAVANCAS, I. *Juventude e televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas*. São Paulo: FGV Editora, 2007.

TRAVANCAS, I. "Etnografia da produção jornalística – estudos de caso da imprensa brasileira". *Brazilian journalism research*, v. 6, n. 2, p. 83-102, 2010.

TUCHMAN, G. *Making News: A Study in the Construction of Reality*. New York: Free Press, 1978.

URE, M.; SCHWARZ, C. *Las identidades del periodismo argentino: estudio cuantitativo de la percepción de los propios periodistas*. Buenos Aires: Konrad Adenauer Stiftung, 2014.

WAISBORD, S;. *Periodismo partido al medio*. In A. Amado (Ed.), *La comunicación pública como espectáculo*. Buenos Aires: Konrad Adenauer, p. 211-285, 2014.

---

### **Mercedes Calzado** - Universidade de Buenos Aires – UBA

Pesquisadora do Instituto Gino Germani. Faculdade de Ciências Sociais. Universidade de Buenos Aires (UBA) e do CONICET. Doutora em Ciências Sociais, Mestre em Pesquisa e Pós-graduada em Ciências da Comunicação (UBA). Professora de Antropologia na Carreira de Ciências da Comunicação (UBA).

Email: [calzadom@gmail.com](mailto:calzadom@gmail.com)

### Tradução: **Marina Saraiva** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jornalista graduada pela UERJ, especialista em Meio Ambiente (COPPE-UFRJ) e mestre em Comunicação e Informação em Saúde (PPGICS/Fiocruz). Servidora pública na Fiocruz, atua na produção audiovisual do Depto. de Jornalismo do Instituto Oswaldo Cruz. Atualmente cursa o doutorado na Escola de Comunicação da UFRJ.

Email: [marinasaraiva@gmail.com](mailto:marinasaraiva@gmail.com)